



## APONTAMENTOS PARA PENSAR O USO DOS ESTUDOS FOUCAULTIANOS, MEDIADOS PELAS TEORIAS PÓS-COLONIAIS: ferramentas para problematizar o entendimento de diversidade no Brasil

Ramon Luis de Santana Alcantara <sup>1</sup>

### Resumo

Neste ensaio teórico, abordo como ocorre a mediação dos estudos foucaultianos por parte dos teóricos pós-coloniais, notadamente o filósofo colombiano Santiago Castro-Gómez. Apresento a partir da leitura de alguns pensadores latino-americanos, de que maneira os estudos foucaultianos podem contribuir com a fundamentação das Teorias Pós-coloniais. Tal fundamentação insere as noções desenvolvidas por Michel Foucault na crítica pós-colonial, com contrapartida uma mediação deste, pelo conceito de “colonialidade do poder”. Concluo apresentando uma possibilidade de problematizar o entendimento de diversidade no Brasil, tomando como base os estudos foucaultianos, mediados pelas noções de “colonialidade do poder”, “colonialidade do saber” e “colonialidade do ser”.

**Palavras-chave:** Estudos Foucaultianos; Teorias Pós-coloniais; Diversidade.

### Abstract

In this theoretical essay, i discuss how mediation occurs foucauldian studies by the postcolonial theorists, notably the colombian philosopher Santiago Castro-Gómez. Present from the reading of some latin american thinkers, how foucauldian studies can contribute to the reasoning of Postcolonial Theories. Such reasoning enters the notions developed by Michel Foucault in post-colonial criticism, with consideration of this mediation, the concept of "coloniality of power". I conclude by presenting an opportunity to problematize the understanding of diversity in Brazil, based on the foucauldian studies, mediated by notions of "coloniality of power", "coloniality of knowledge" and "coloniality of being."

**Keywords:** Foucauldian Studies; Postcolonial Theories; Diversity.

---

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Maranhão ( UFMA). E-mail: ramon@ufma.br



## 1. INTRODUÇÃO

Este estudo se situa em um campo de reflexão emergente na América Latina que vem ganhando recentemente maiores proporções nas Ciências Sociais no Brasil, conhecido como Teorias Pós-coloniais. Como um leitor iniciante dos pressupostos deste ramo de conhecimento, traço como objetivo para este texto realizar uma breve análise dos fundamentos pós-coloniais, dando ênfase àqueles que podem funcionar como ferramentas conceituais para meus estudos.

Notadamente, situo este escrito na abordagem do filósofo colombiano Santiago Castro-Gómez, notório pensador pós-colonial que se baliza, nas suas análises pós-coloniais, em alguns aspectos da produção intelectual de Michel Foucault. Parto das propostas de Castro-Gómez (2007) para apontar possíveis usos dos estudos foucaultianos em pesquisas latino-americanas, especificamente no Brasil, como um exercício de hipercrítica às minhas hipóteses de pesquisas e minhas apropriações dos estudos foucaultianos. Para além do pensador colombiano, observo as críticas de outros teóricos pós-coloniais que se utilizam de outras matrizes filosóficas, em destaque aqueles que se fundamentam na proposta pós-colonial do peruano Aníbal Quijano.

## 2. PRESSUPOSTOS DA COLONIALIDADE DO SABER E DO PODER

A noção de colonialidade do saber e do poder causam uma reviravolta na forma de se pensar o fazer Antropológico, consolidando uma nova perspectiva teórica conhecida então como Teorias Pós-coloniais.

Hall (2009, p. 54) é enfático ao rechaçar uma crítica mais ingênua aos estudos pós-coloniais, afirmando que não se trata de antes/depois, mas “ao contrário, o ‘pós-colonial’ marca a passagem de uma configuração ou conjuntura histórica de poder para outra”. Stuart Hall, um dos grandes expoentes teóricos da perspectiva pós-colonial, continua afirmando que o termo “pós-colonial”



relê a 'colonização' como parte de um processo global essencialmente transnacional e transcultural – e produz uma reescrita descentrada, diaspórica ou 'global' das grandes narrativas imperiais do passado, centradas na nação. Seu valor teórico, portanto, recai precisamente sobre sua recusa de uma perspectiva do 'aqui' e 'lá', de um 'então' e 'agora', de um 'em casa' e 'no estrangeiro'. 'Global' neste sentido não significa universal, nem tampouco é algo específico a alguma nação ou sociedade (HALL, 2009, p. 102).

Essa crítica apontada às grandes narrativas é direcionada também à Antropologia, aos teóricos que fundamentaram os discursos imperialistas ao longo da história. Esta mesma crítica irá ser o fundamento principal para a elaboração dos conceitos de colonialidade do saber e de colonialidade do poder entre os teóricos dos estudos pós-coloniais na América Latina.

Seguindo as orientações semelhantes às do jamaicano Stuart Hall, Castro-Gómez (2012, p. 214) aponta a necessidade de se pensar um campo teórico específico da América Latina, mas que não desconsidere suas relações de poder, que possa superar a “tensión entre la filosofía moderna europea y la filosofía latinoamericana”.

A noção de colonialidade de poder, em Santiago Castro-Gómez, se fundamenta nas teorizações analíticas sobre o poder de Michel Foucault. Castro-Gómez (2012, p. 215), entretanto aponta que “la 'colonialidad del poder' no puede ser subsumida bajo ninguno de los tipos de poder examinados por Foucault en sus libros: no es ni poder soberano ni poder pastoral ni poder disciplinario ni biopoder”. O autor aponta que se trata de um conceito emergido na Colômbia e na América Latina de heranças coloniais que só a Teorias Pós-coloniais poderiam discutir, funcionando como uma mediação entre as contribuições da ontologia do presente foucaultiana e a especificidade da história latino-americana.

Outro teórico pós-colonial que formulou a noção de colonialidade do poder e se consolidou com um representante da crítica pós-colonial foi Aníbal Quijano. Todavia, a matriz teórica deste autor difere daquela de Santiago Castro-Gómez, pois se baseia em uma perspectiva universalista de poder, mais próxima das análises marxistas das relações entre dominantes e dominados. Huguet (2012) aponta que o poder em Aníbal



Quijano segue a tradição da análise hierárquica, para ele este autor é claro quando afirma que

la colonialidade es uno de los elementos constitutivos y específicos del patrón mundial de poder capitalista. Se funda en la imposición de una clasificación racial/étnica de la población del mundo como piedra angular de dicho patrón y opera en cada uno de los planos, âmbitos y dimensiones materiales y subjetivas, de la existência social cotidiana y a escala societal (Quijano, 2007, p. 93 citado por Huguet, 2012, p. 63).

Esta posição de Aníbal Quijano recebe críticas por parte do Santiago Castro-Gómez, pois este acredita que o erro do primeiro é se utilizar da idéia de colonialidade do poder e centralizar todas as análises das relações sociais em suas diversas dimensões. Castro-Gómez (2012, p. 219) coloca que Quijano “impide comprender el modus operandi de las herencias coloniales en América Latina. Desde una perspectiva macro-sociológica como la de Quijano, la colonialidade del saber y la colonialidade del ser no son más que ‘derivaciones’ de una ‘última instancia’ de carácter económico-político que sería la colonialidade del poder”.

Para Castro-Gómez (2012), estas três dimensões da colonialidade (saber, poder e ser) precisam ser analisadas distintamente. Se a colonialidade do poder apresenta a dimensão econômica-política das heranças coloniais, a colonialidade do saber faz referência à dimensão epistêmica da mesma e a colonialidade do ser, à dimensão ontológica. Assim, a análise não deve ser arborescente, partindo da colonialidade do poder para entender todas as relações na América Latina, nem pode se restringir a uma vertente macrosociológica. Castro-Gómez (2012) propõe um estudo pós-colonial que se utilize de uma visão rizomática das relações, no qual os âmbitos molares (macro) e moleculares (micro) se relacionem sem centralidade. Para o autor colombiano, “no hay algo así como ‘la’ colonialidade, dotada de una *misma* racionalidade en todas sus manifestaciones, racionalidade que se daría basicamente en el nível de la explotación etno-racial del trabajo en uma escala planetaria” (CASTRO-GÓMEZ, 2012, p. 220).

Como nos aponta Castro-Gómez (2005, p. 186)



a tarefa de uma teoria crítica da sociedade é, então, tornar *visíveis* os novos mecanismos de produção das diferenças em tempos de globalização. Para o caso latino-americano, o desafio maior reside numa “descolonização” das ciências sociais e da filosofia. E ainda que este não seja um programa novo entre nós, do que se trata agora é de livrar-nos de toda uma série de *categorias binárias* com as quais trabalhamos no passado: as teorias da dependência e as filosofias da libertação (colonizador *versus* colonizado, centro *versus* periferia, Europa *versus* América Latina, desenvolvimento *versus* subdesenvolvimento, opressor *versus* oprimido, etc.), entendendo que já não seja possível conceitualizar as novas configurações do poder com ajuda desse instrumental teórico. Deste ponto de vista, as novas agendas dos estudos pós-coloniais poderiam contribuir para revitalizar a tradição da teoria crítica em nosso meio.

Desta forma, a noção de colonialidade do poder se relacionando com a colonialidade do saber é de uma importância fulcral nas análises que estão sendo construídas neste texto.

### **3. O PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT A PARTIR DAS ANÁLISES PÓS-COLONIAIS DE SANTIAGO CASTRO-GÓMEZ**

Para fundamentar as noções de colonialidade do saber, do poder e do ser, o filósofo Santiago Castro-Gómez recorre a alguns conceitos desenvolvidos por Michel Foucault. Nesse exercício de fundamentação, o autor colombiano provoca uma mediação do pensamento foucaultiano pelas vias da crítica pós-colonial, o que acarreta na possibilidade de se pensar uma pesquisa pós-colonial, utilizando-se das ferramentas do filósofo francês. Como aponta Castro-Gómez (2007) essa mediação não é simples e deve ser marcada por algumas precauções.

Inicialmente, Castro-Gómez (2007) desenvolve sua crítica à concepção hierárquica de poder que Aníbal Quijano se utiliza a partir do marxismo e do estruturalismo, para fundamentar a noção pós-colonial de colonialidade do poder. Nesse sentido, ele irá defender que as contribuições da analítica do poder heterárquica utilizada por Michel Foucault poderiam colaborar mais para o desenvolvimento das Teorias Pós-



coloniais que àquela adotada pelo pensador peruano. Castro-Gómez (2007, p. 156) defende que

en sus Lecciones del College de France, particularmente en Defender la sociedad (1975-76), Seguridad, Territorio, Población (1977-78) y El nacimiento de la biopolítica (1978-79), Foucault desarrolla una teoría heterárquica del poder que puede servir como contrapunto para mostrar en qué tipo de problemas caen las teorías jerárquicas desde las que se ha pensado el tema de la colonialidad. De hecho, y aunque – como digo - no es un tema central de estas lecciones, mi estrategia será rastrear el modo en que Foucault entiende allí el problema de la colonialidad y tratar de establecer una relación con su teoría heterárquica del poder. Para ello primero examinaré la relación entre racismo y biopolítica, para seguir con un análisis del modo en que Foucault entiende el funcionamiento de regímenes globales de poder. Finalmente, haré unas precisiones en torno al concepto de heterarquía y mostraré su utilidad epistemológica y heurística.

É realizada, então, uma leitura da concepção que Michel Foucault constrói acerca da relação do Estado com a população, fazendo emergir uma outra relação entre Biopolítica e racismo/colonialismo.

Em seus estudos, Foucault (2005, p. 286) anuncia:

parece-me que um dos fenômenos fundamentais do século XIX foi o que se poderia denominar a assunção da vida pelo poder: se vocês preferirem, uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, urna espécie de estatização do biológico ou, pelo menos, uma certa inclinação que conduz ao que se poderia chamar de estatização do biológico.

Trata-se do que posteriormente ele nomeia como biopoder. Se antes o soberano tinha o poder de fazer morrer e deixar viver, após os novos direitos políticos do século XIX, o que rege a vida dos indivíduos é a máxima: fazer viver, deixar morrer. Existe um arsenal de tecnologias que busca controlar e vigiar a vida humana de forma que a faça ter seus corpos treinados.

Aqui, Foucault (2005) identifica dois modos particulares de tecnologias de poder que se colocam em função desse biopoder. Por um lado, têm-se as tecnologias



disciplinares que vigiam e buscam controlar o homem-corpo, suas técnicas são individualizantes, de assujeitamento. Por outro, surge a biopolítica, tecnologia que visa reger o homem-espécie, agora com objetivos massificantes, exercendo controle sobre aspectos globais da vida, como nascimento, doença e morte, por exemplo.

Essa biopolítica transforma fenômenos naturais da vida, como a morte, em alvo de estudo, contrapondo-a a vida, como algo que se buscará extirpar. Nesse contexto, surge a medicina como higiene pública, o poder psiquiátrico e o problema da cidade. Esse conjunto de saber-poder vai se articular para intervir na vida social. Agora não é mais o disciplinamento do corpo que está em foco, mas a regulamentação da espécie. O foco é a vida, como aspecto global, a morte é o limite vergonhoso do poder de controle da vida. A biopolítica é a bioregulamentação do Estado, é este agindo sobre a vida da população. Em suma, a idéia é que

a sociedade ou o Estado, ou o que deve substituir o Estado, tem essencialmente a função de incumbir-se da vida, de organizá-la, de multiplicá-la, de compensar suas eventualidades, de percorrer e delimitar suas chances e possibilidades biológicas (FOUCAULT, 2005, p. 313).

Como isso, Michel Foucault pontua uma relação estreita entre o poder disciplinar e a biopolítica, mas especificamente, entre o poder das instituições, que exerce uma anatomo-política, e o poder do Estado, que visava a bioregulamentação. Assinala ainda que, por diversas vezes na história, as práticas disciplinares foram utilizadas para aumentar a potência política e econômica do Estado.

Foucault (2005) afirma que o biopoder, através dessa relação entre as tecnologias disciplinares que controlavam o corpo para a produção, e a biopolítica, que ajustava os fenômenos de população aos processos econômicos, constituíram-se como elementos cruciais para o desenvolvimento do capitalismo.

Castro-Gómez (2007) parte dessas análises para apontar que tomar a crítica pós-colonial a partir dos estudos foucaultianos, é se voltar para as questões anatomo-políticas (micro), biopolíticas (meso) e geopolíticas (macro). Assim, tem-se a análise das



relações coloniais em um nível molecular e em um molar, como ele insiste, utilizando-se das premissas de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Huguet (2012) marca inclusive que Santiago Castro-Gómez, ao mediar o uso de Michel Foucault a partir dos estudos pós-coloniais, com a idéia de geopolítica, avança em relação a este. Segundo Huguet (2012, p. 74),

vemos, pues, que hasta ahora nos hemos encontrado con dos tecnologías, la *anatomopolítica* o disciplinaria y *labiopolítica* o reguladora, siendo la raza un elemento de la segunda. A ellas se añade, en el análisis de Santiago Castro, la *geopolítica*, es decir, aquella tecnología que atiende a las relaciones a nivel global del sistema-mundo. Tendríamos entonces la *corpo-política* o *microfísica de los cuerpos* en la que operan las tecnologías del yo, la *bio-política* que opera a nivel de las poblaciones y garantiza la gobernabilidad, y la *geo-política* que actúa a nivel planetario en su apropiación de los recursos.

Nesse sentido, a crítica pós-colonial aponta para outros direcionamentos que o europeu Michel Foucault não poderia pensar. A geopolítica, tomando não só uma análise intraeuropea, possibilita o desenvolvimento do conceito de colonialidade do poder, para além do biopoder. A colonialidade do poder não foi estudada por Michel Foucault, como aponta Castro-Gómez (2012), pois é algo específico da Colômbia, bem como dos outros países da América Latina.

Evidentemente que a crítica marcante às pesquisas de Michel Foucault como eurocêntrica são cabíveis e precisam ser apontadas pelos autores pós-coloniais. Sua “cegueira” teórica ao processo do colonialismo precisa ser marcada, para que autores de orientação pós-colonial se utilizem dos estudos foucaultianos exercendo a hipercrítica. Contudo, como aponta Huguet (2012, p. 75), “Foucault sería considerado pues un ‘pensador eurocéntrico’, lo que no obsta para que su modo de proceder y algunas de sus tesis sean de gran provecho para la teoría decolonial.”

#### **4. PROBLEMATIZANDO O ENTENDIMENTO DE DIVERSIDADE NO BRASIL A PARTIR DAS RELAÇÕES CONCEITUAIS ENTRE AS TEORIAS PÓS-COLONIAIS E OS ESTUDOS FOUCAULTIANOS**





Essa breve seção do presente ensaio funciona muito mais como espaço de reflexão, à guisa de algumas considerações finais. A história da Teoria Antropológica, destacando a emergência das Teorias Pós-coloniais e sua articulação com os estudos foucaultianos, abre luz para uma problematização do entendimento de diversidade no Brasil.

Tenho como objeto de pesquisa a preocupação de como professores em formação compreendem de que modo esta poderá ajudá-los a realizar o que Pierre Bourdieu chama de “conversão do olhar”. Entender como a dimensão ética na formação de professores pode subjetivar profissionais para que compreendam a diversidade nas relações humanas. A visão de homem e de cultura que é discutida na Teoria Antropológica, bem como seus instrumentos analíticos, permitem com que eu me aproxime mais deste discurso sobre a diversidade e sobre o que seria esta “conversão do olhar”.

No que se refere às contribuições da Teoria Pós-colonial, pensar o Brasil nesta ótica me fornece um parâmetro de análise de formações discursivas que nenhum outro da filosofia europeia poderia. Entender o “brasileiro”, a partir de suas heranças coloniais e a partir da concepção da colonialidade do saber, do poder e do ser, abre novos horizontes para discutir ética, diversidade, subjetivação e liberdade. Tomar um Michel Foucault, mediado por Santiago Castro-Gómez e outros autores pós-coloniais, fornece novas linhas de fugas para seus estudos.

Assim, penso que minha pesquisa ganha mais vida a partir destas leituras. A apropriação dos estudos foucaultianos por autores latino-americanos corporifica os discursos do filósofo francês. Coaduno com o pesquisador colombiano Girraldo (2009, p. 225), quando afirma que

las investigaciones de Michel Foucault no conducen a un pensamiento negativo, circular, sin alternativas y sin salida. La disolución de la noción de sujeto constituyente permite al pensador francés realizar desplazamientos permanentes y abrir su reflexión a una búsqueda que concluye con la propuesta de una resistencia como arte de existir. En este sentido, la obra de Foucault, vista retrospectivamente, gira alrededor del sujeto: el sujeto objetivado



por el saber y por el poder, y el sujeto en proceso de su propia subjetivación.

Desta forma, faz necessário problematizar como o “brasileiro”, o professor no Brasil, subjetivaram-se a partir de suas relações coloniais e como essas relações constituíram elementos para se entender como este construiu seu entendimento sobre diversidade. Relações racistas, sexistas, bem como as dominações socioeconômicas, a homofobia, o fascismo e todas as relações de segregações que afloram na história, todas têm origem na formação da sociedade brasileira por parâmetros coloniais. O Estado brasileiro é uma invenção do homem, europeu, branco, aristocrata, com valores iluministas e burgueses. Em que medida essa matriz estabeleceu ressonâncias na compreensão sobre diversidade, é um aspecto que as Teorias Pós-coloniais podem deflagrar e abrir horizontes para se pensar processos de descolonização do saber, do poder e do ser no Brasil.

## REFERÊNCIAS

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”**. In LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

\_\_\_\_\_. Michel foucault y la colonialidad del poder. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 6, Junio, 2007 .

\_\_\_\_\_. Los avatares de la crítica decolonial. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 16, Enero-Junio, 2012 .

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GIRRALDO, Reinaldo. La ética en Michel Foucault o de la posibilidad de resistencia. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 10, Junio, 2009.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HUGUET, Montserrat. El análisis del poder: Foucault y la teoría decolonial. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 16, Enero-Junio, 2012.